

## **A LITERATURA DE CORDEL NA FORMAÇÃO LITERÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA**

Autora: Yasmin de Andrade Alves; Orientadora: Luciana Eleonora Calado Deplagne.

*Universidade Federal da Paraíba. E-mail: yasminandradealves99@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho visa introduzir a temática da literatura de cordel como um instrumento facilitador da experiência e aprendizagem literárias em sala de aula. Considera-se de suma importância visualizar os problemas de formação de leitores críticos na Educação Básica como forma de modificar as perspectivas voltadas apenas para o cânone literário – concentrado ou baseado nos modelos europeus – e visualizar a literatura produzida no Brasil, sobretudo na região nordestina. Sendo a literatura de cordel um gênero desvalorizado, busca-se neste artigo, proveniente de uma experiência de Estágio Supervisionado na disciplina de Língua Portuguesa em uma escola municipal de João Pessoa - PB, resgatar as diferentes características do cordel e da poesia, associando-o aos fatores históricos e sociais que fazem parte de sua construção como gênero literário. A noção de cultura popular é observada aqui como a base para o surgimento desta literatura, formada, principalmente, pelas tradições e pelos costumes de determinada comunidade, muitas vezes localizada numa camada menos valorizada da população e sem acesso aos “bens culturais” da elite. Os registros da oralidade na escrita são fortemente visualizados no cordel, que adere o suporte folheto para a popularização do gênero e torna-se característica principal tanto na divulgação quanto na produção. Desta forma, as práticas de leitura tornam-se mais acessíveis pela linguagem e pelo suporte, participando de diversas formas na vida social. Assim, o artigo une as práticas de leitura e o cordel, buscando trazer a performance e a oralidade como artefatos de aprendizagem da linguagem escrita e da literatura no Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura, cordel, cultura popular, ensino.

## Introdução

Há muito se discute o problema da formação de leitores em sala de aula, suas implicações e os objetivos principais. A valorização de determinadas obras literárias, provenientes quase exclusivamente do cânone europeu, é de forte influência no âmbito do ensino. A manutenção dessa prática de ensino baseada na tradição canônica do Brasil configura-se como um fator excludente e classificatório tanto em relação ao conhecimento do alunado (que, se não possuir este acesso, é excluído dos bens culturais), quanto para a cultura em que ele está inserido. Desta forma, adentramos num problema de classificação de gêneros literários, no qual são divididos aqueles mais valorizados e os mais desvalorizados, servindo como empecilho para a ampliação da intertextualidade, dos novos conhecimentos, das diferentes leituras que aumentariam horizontes, promovendo mudanças de perspectivas na leitura do mundo.

Dentre os gêneros desvalorizados, encontramos a literatura de cordel, que mescla poesia, desenhos, narrativas, história e traços culturais próprios dentro de um único suporte: o folheto. Consideremos aqui a importância do folheto de cordel no ensino de Literatura pela sua riqueza em todos os termos, mas principalmente pelo reconhecimento como uma literatura que se desenvolve no Brasil e cria suas raízes na região nordestina, palco das inúmeras performances, das cantigas, dos cantadores, voltadas para um público que estava em constante contato com a oralidade. Este contato pode ter o analfabetismo como uma das causas para buscar os gêneros orais como formas de aprendizagem, difusão de notícias, etc., dentro deste contexto. Como é sabido, há uma vinculação da literatura de cordel à cultura popular, entendida aqui como uma “cultura-base”, formada pelos costumes, tradições, hábitos e conceitos que perpassam gerações de uma determinada sociedade, ou seja, uma cultura proveniente de um povo, o qual forma seus próprios artefatos culturais espontaneamente, também por meio da falta de acesso aos bens culturais relacionados às altas classes.

Desta maneira, estão fortemente presentes na literatura de cordel os registros da oralidade por meio da cultura escrita, histórias que refletem costumes cultivados dentro dos respectivos contextos, além de diversas informações que condizem com a história local, sendo um recurso útil para o ensino. Com o objetivo de aproximar e contextualizar a cultura, especificamente a nordestina, tanto de séculos passados como de tempos atuais, introduzindo os alunos à performance e ao cancionário popular por meio do cordel, pode-se afirmar que a formação de leitores críticos encontra um caminho mais abrangente, englobando aspectos

linguísticos, sintáticos, históricos, fonéticos, estéticos, lexicais, semânticos, culturais, dentre outros. Desta forma, o presente trabalho visa considerar a literatura de cordel como uma forma autêntica para se trabalhar a Literatura e as múltiplas linguagens, materializando-se em diferentes tipos de suportes promovidos de acordo com as tecnologias de cada época. O folheto de cordel é, assim, visto aqui como o principal recurso para possíveis projetos de intervenção em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, objetivando contribuir com o processo de aprendizagem de alunos do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fenelon Câmara, localizada na cidade de João Pessoa – PB.

## **Metodologia**

A partir de pesquisas de cunho bibliográfico referentes à prática do ensino de Literatura, são aqui postulados, a partir de relato de observação e experiência em sala de aula, métodos facilitadores de aproximação entre o público alunado e o texto literário, baseando-se em escolhas de textos que condizem com o interesse da turma citada posteriormente e que atendam às demandas, principalmente deficitárias, destes alunos. O ensino de Língua Portuguesa é entendido como uma única unidade, sem separações entre língua, literatura e produção, auxiliando na construção de uma metodologia que torna o processo de ensino-aprendizagem prazeroso, envolvendo performance, leitura e produção.

## **Algumas considerações sobre as práticas de leitura**

A leitura é considerada um dos principais problemas na educação, implicando não somente a alfabetização, mas principalmente a formação de sujeitos ativos, críticos, que leem não apenas palavras, mas o mundo. Tendo a leitura significado tão amplo, é notória sua importância dentro da vida estudantil, a ser desenvolvida, sobretudo, nas aulas de Língua Portuguesa, disciplina responsável pelo contato dos alunos com os diversos gêneros textuais.

Desde o século XIX, após o rompimento com a tradição clássica (ensino da retórica e da poética) no ensino, surge o ensino de Literatura pautado na historiografia e na sociologia. Desta forma, iniciamos o estudo a partir de *escolas literárias*, ou seja, a divisão em períodos da história que implicariam em certos padrões estéticos e ideológicos, como o período do Romantismo no Brasil, datado do início do século XIX, no qual prevaleceria obras de

características em comum por consequência do contexto histórico e ideológico em que estavam inseridos os escritores do período.

Esta separação historiográfica prevaleceu (e prevalece), sobretudo após o surgimento dos vestibulares, que passaram a exigir uma divisão metodológica dos estudos de literatura, incluindo o conhecimento do cânone, no qual estão inseridas as obras de “acesso à cultura”. Dentre estas divisões, não encontramos a Literatura de Cordel como um conteúdo a ser trabalhado dentro da literatura do século XIX ou do século XX, muito menos sugestões do gênero folheto de cordel dentro da maioria dos livros didáticos. Desta forma, comprovamos que o interesse pela leitura do cânone prevalece, ainda, excluindo os demais gêneros literários. Assim, a leitura, considerada como o meio pelo qual se adquire cultura, não é submetida a uma reflexão a nível social, ou seja, por meio das necessidades de cada comunidade. É válido salientar que leitura e cultura livresca estão intimamente associadas à cultura escrita, que não é um privilégio de certas comunidades, tendo em vista a quantidade de grupos que não sentem a necessidade de um registro escrito da língua, como bem afirma o Ministério da Educação (2016, p. 16):

Até mesmo na atualidade, é possível encontrar comunidades onde o escrito está pouco presente na vida das pessoas. Certamente você conhece lugares em que as conversas na calçada ou na porta da prefeitura, [...] o anúncio no megafone para convocar para o culto e a aprendizagem por meio do olhar atento e da imitação são modos de se comunicar muito mais importantes do que as várias formas de comunicação escrita. Nesses lugares, mais relevante do que saber ler e escrever pode ser, por exemplo, como em algumas comunidades indígenas, conhecer profundamente os saberes tradicionais e operacionalizá-los em situações rituais.

O ato de ler torna-se um fardo quando o texto lido não é de interesse do leitor. Esta falta de interesse sugere um distanciamento da realidade vivida pelo leitor e a realidade que é exposta dentro dos textos, sobretudo aqueles trabalhados em sala de aula. Este distanciamento pode ser proveitoso, ou não, dependendo, principalmente, da forma como é trabalhado em sala de aula, podendo promover, no primeiro caso, um encontro com diferentes identidades e leituras sob diferentes perspectivas. Assim dá-se o encontro do aluno sujeito leitor com a literatura de cordel.

De acordo com Filipouski (2009, p. 09),

ao privilegiar o texto literário como mobilizador do estudo de língua portuguesa, toma-se como objeto a linguagem em ação, pois, na constante construção de sentidos por meio da palavra que se fundamenta pelo uso na vida social, o ser humano se torna capaz de conhecer a si mesmo, sua cultura e o mundo em que vive.

Este poder de uso da palavra a partir do contato com o texto escrito assemelha-se diretamente com o cordel, gênero que tem suas origens dentro de uma cultura em que prevalecia a oralidade.

### **Literatura de Cordel e práticas literárias**

Diversos aspectos da Literatura de cordel, tais como o uso de expressões e formas regionais, neologismos, cantorias e pelejas registradas, figuras simbólicas (como o diabo, o herói, o boi, o bode, a mulher pecadora, o cangaceiro, a serpente) e padrões de métrica e rimas facilitadores de memorização, são maneiras de introduzir na escrita formas próprias da língua utilizada pela sociedade dentro de um período em que estas prevaleciam, seja por motivos sociais, como a alta taxa de analfabetismo, ou pela recriação de um gênero já existente desde a Idade Média à realidade vivida na região, mesmo que séculos depois. Em “O Dinheiro ou O Testamento do Cachorro”, de Leandro Gomes de Barros, por exemplo, observa-se a presença destes traços na linguagem utilizada que sugerem uma produção de sentido a partir do conhecimento da cultura local:

O bacharel por dinheiro  
Só macaco por banana  
O gato por gabiru  
Ou um guaxinim por cana  
Só saguim pela resina  
Ou bode por jitirana.

A moça tendo dinheiro  
Sendo feia como a morte  
Caracteriza-se e enfeita-se  
Sempre melhora de sorte  
Mais de mil aventureiros  
A desejam por consorte. (Estrofes 13 e 14, grifos nossos).

É válido ressaltar que a literatura de cordel no Brasil não é uma imitação pura e simplesmente da existente nos países Ibéricos, aderindo a uma produção única e rica em diversos quesitos, mesmo que resgatando estórias e personagens (como exemplo, *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, de Leandro Gomes de Barros, que faz referência a *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*).

Outra característica da literatura de cordel é sua função “jornalística”. O cordel foi instrumento de comunicação durante muito tempo, quando o rádio e a televisão ainda não

estavam presentes no cotidiano da maioria da população, sobretudo nas cidades interioranas dos estados. É por consequência disto que muitos acontecimentos históricos foram narrados em folhetos de cordel chamados “acontecidos”, como o marco inicial das produções, a Guerra de Canudos, ocorrida no período da República Velha (proclamada em 1889 pelo marechal Deodoro da Fonseca) e bem narrada por João Melchíades Ferreira da Silva, expondo sua visão “clara e direta. Desde o começo da narração, declara que em 1897 o Exército brasileiro foi comandado por um ‘general guerreiro de nome Artur Oscar, que lutava contra ‘um chefe cangaceiro’”. (CURRAN, 2003, p. 51). O poeta escreve:

Ergueu-se contra a República  
O bandido mais cruel  
Iludindo um grande povo  
Com a doutrina infiel  
Seu nome era Antônio  
Vicente Mendes Maciel.  
[...]

Para iludir ao povo  
Ignorante do sertão  
Inventou fazer milagre  
Dizia em seu sermão  
Que virava água em leite  
Convertia as pedras em pão. (MELCHÍADES, João *apud* CURRAN, Mark, p. 52).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 138),

Vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos para além dos já trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental [...]: reportagem, reportagem multimidiática, fotorreportagem, [...] anúncio publicitário, propaganda, [...] dentre outros. A referência geral é que, em cada ano, contemplem-se gêneros que lidem com informação, opinião e apreciação, gêneros mais típicos dos letramentos da letra e do impresso e gêneros multissemióticos e hipermediáticos, próprios da cultura digital e das culturas juvenis.

A partir dos gêneros de caráter opinativo e relacionados à tecnologia de informação, é possível compreendermos o papel da interseção entre gêneros novos e gêneros mais antigos, como o cordel. Se antes o cordel possuía (também) o papel de disseminação de informação e de divulgação de opinião, como já observado, a partir dos diferentes pontos de vista dos poetas, por que não incluí-lo numa metodologia de adequação dos recursos que aquele já possui aos novos suportes e novas tecnologias? Este tipo de metodologia implica não somente a valorização de um gênero, mas também sua resignificação, ou seja, sua reconstrução a partir de um novo meio.

A oralidade característica na linguagem do cordel sugere em sua leitura um ato de performance, aqui entendida como um processo de transmissão oral da poesia, intimamente

ligada à atividade prática da elocução e da gesticulação. A entonação, o modo de fala, a expressão e todos os movimentos corporais na leitura de cordel são, também, produtores de sentido, contribuindo para a passagem de algo que é reconhecido da virtualidade à realidade. A performance é, então, situada num contexto simultaneamente cultural e situacional (ZUMTHOR, 2007, p. 31).

Como, então, atribuir novos suportes, que não se assemelham à performance necessária ao gênero cordel, uma literatura oral? É importante destacar que estes novos suportes são comparáveis à escrita por três aspectos, como afirma Zumthor (2007, p. 14):

a) abolem a presença de quem traz a voz; b) mas saem do puro presente cronológico, porque a voz que transmitem é reiterável, indefinidamente, de modo idêntico; c) o espaço em que se desenrola a voz mediatizada torna-se ou pode se tornar um espaço artificialmente composto (*media*).

Sendo assim, faz-se relevante o estudo do gênero em sala de aula visando tanto a língua falada quanto a língua escrita, priorizando a categoria dentro da língua que mais necessita ser aprimorada.

### **Relato de experiência: o cordel em sala de aula**

Numa experiência de observação da disciplina de Estágio Supervisionado, do curso de Letras – Língua Portuguesa (Universidade Federal da Paraíba), foi escolhida a turma do 6º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, em João Pessoa – PB, para a realização de um projeto de intervenção relacionado ao ensino de Literatura. Normalmente, as escolas públicas do município não dividem a disciplina de Língua Portuguesa como o fazem as escolas particulares, ou seja, o estudo de Língua Portuguesa separado nas disciplinas de Produção Textual, Literatura e Gramática. Com esta separação da mesma disciplina em três, nota-se que muitos aspectos que deveriam ser estudados em conjunto acabam sendo estudados isoladamente, como uma aula de Gramática que não estuda a língua a partir do texto, mas focando apenas nas regras da Gramática Tradicional, ou uma aula de Literatura em que não são explorados aspectos do léxico e pretende apenas abordar as escolas literárias ou biografia de escritores importantes. Afinal, não faz sentido o estudo da Língua Portuguesa apenas a partir de regras gramaticais, e a elaboração de textos em Língua Portuguesa sem o conhecimento das formas que um texto pode aderir e como a língua pode ser utilizada de diferentes maneiras a partir de um conhecimento gramatical.

Na escola municipal em questão não há separação da disciplina, sendo atribuído a apenas um professor todo o conteúdo do ano por turma. Durante a observação, foi notada uma grande dificuldade por parte dos alunos na atividade de leitura compartilhada realizada pela professora; muitos não souberam ler frases obedecendo às pontuações, ou até mesmo vocalizar algumas palavras mais complexas. A metodologia da professora não entrará em questão, mas pode-se afirmar que não houve estímulo nos alunos. A situação agravou-se quando foi observado que o texto utilizado várias vezes não foi discutido; seus efeitos de sentido, suas diferentes leituras, as possibilidades de interpretação: os alunos não os compreendiam. Ou seja, existiu um cenário de falha na aprendizagem em diversos âmbitos: vocalização, decodificação, e atribuição de sentidos.

Diante destes fatores, como desenvolver as habilidades, os objetos de conhecimento e as práticas de linguagem, exigidos pela Base Nacional Comum Curricular (2017)? Não seria possível, afinal, nem o texto escolhido era de interesse do público. Com isto, tornamos ao gênero folheto de cordel. De acordo com Pinheiro (2007, p. 20),

é evidente que vale a pena trabalhar a poesia em sala de aula. Mas não de qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos na escolha das obras ou na confecção de antologias. Não podemos cair no didatismo emburrecedor e no moralismo que sobrepõe à qualidade estética determinados valores. [...] Bons poemas, oferecidos constantemente [...], mesmo que para alunos refratários (por não estarem acostumados a esse tipo de prática), têm eficácia educativa insubstituível.

Ao citar T. S. Eliot e seus estudos acerca da função social da poesia, o autor continua:

A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. O modo como o poeta diz – e o que diz ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçar as emoções e a sensibilidade do leitor. [...] A função social da poesia [...] não é mensurável dentre os modelos esquemáticos. Trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor. (PINHEIRO, 2007, p. 22)

É baseando-se nesta ideologia que buscamos desenvolver um projeto de intervenção para o aprimoramento da leitura, deficitária na turma em questão, e do reconhecimento dos recursos linguísticos utilizados. Utilizando-se de um gênero historicamente reconhecido como “nosso primeiro contato com a poesia, através de violeiros, emboladores e de familiares que recitam poemas ou pequenas quadras” (PINHEIRO, 2007, p. 70), é possível contribuir para uma aprendizagem significativa do aluno, estimulando-o e tornando-o o sujeito ativo em sala de aula, diferentemente do que foi visto nos períodos de observação.

Seguindo a proposta do dialogismo como método no ensino de literatura (CEREJA, 2005), sugere-se aqui o trabalho a partir do texto contemporâneo para o resgate de textos mais antigos. Como visto, o folheto de cordel já foi um dia tecnologia da informação para determinada sociedade. Nesta perspectiva, o ideal é o trabalho com um texto mais atual (como uma releitura de contos de fadas, contos ou crônicas, ficando a critério de cada professor) e compará-lo com um folheto de cordel que teve objetivo semelhante. A escolha da temática é feita a partir da observação, pontuando os assuntos mais comentados entre eles em sala de aula ou nos intervalos, para que não haja distanciamento de realidades, mas que acrescente. Devemos lembrar que a maior problemática da turma analisada é a leitura, então a escolha do gênero folheto de cordel seria a forma mais dinâmica para se trabalhar tanto a oralidade como a escrita, aperfeiçoando as produções de sentido. Para a turma do 6º ano, escolhemos trabalhar com o gênero reportagem e o folheto “O Dinheiro ou O Testamento do Cachorro”, de Leandro Gomes de Barros. A escolha deste folheto foi feita quando percebeu-se a forte atuação dos alunos da escola em projetos que citavam Ariano Suassuna, então todos os alunos reconheceriam traços semelhantes entre O Auto da Compadecida, que engloba outros gêneros, e o folheto de Leandro Gomes, que trata sobre o batismo de um cachorro:

Eu já vi narrar um fato  
Que fiquei admirado  
Um sertanejo me disse  
Que nesse século passado  
Viu enterrar um cachorro  
Com honras de um potentado.

Um inglês tinha um cachorro  
De uma grande estimação  
Morreu o dito cachorro  
E o inglês disse então:  
- Mim enterra esse cachorra  
Inda que gaste um milhão!

Foi ao vigário e lhe disse:  
- Morreu cachorra de mim  
E urubu do Brasil  
Não poderá dar-lhe fim  
- Cachorro deixou dinheiro?  
Perguntou vigário assim.

A leitura primeira por parte do professor é um passo para a melhor desenvoltura dos alunos, que, de início, estranhariam o uso deste tipo de linguagem e leitura performática. A partir da leitura por parte dos alunos participantes, o projeto envolve desenvolver oficinas de criação de reportagens baseadas no fato acontecido, no enterro do cachorro de um inglês,

utilizando-se de imagens, linguagem própria do gênero sugerido, criando uma releitura acerca da narrativa. Por fim, foi sugerido aos alunos expor seus próprios trabalhos, realizados em grupo, e destacar aspectos da linguagem que mais chamaram sua atenção. Este trabalho teve como principais resultados o reconhecimento dos diferentes usos da linguagem, a diferenciação entre os gêneros literários, a melhoria da compreensão do texto durante o ato de leitura e a socialização do texto literário, visto sob diversas perspectivas a partir do momento em que é trabalhado por diferentes grupos, além da promoção do interesse maior pela leitura a partir do humor, da produção de texto e da interação.

### **Considerações finais**

A experiência em sala de aula relatada acima é um registro de que o folheto de cordel pode ser utilizado como forma de aprendizagem eficaz, promovendo não apenas o conhecimento sobre a cultura, mas também aperfeiçoando o uso da linguagem em seus diferentes níveis e contextos, sejam eles histórico ou situacional. Ao aderir à literatura de cordel como facilitadora da aprendizagem e como conteúdo, damos visibilidade a um gênero brasileiro rico em diversos quesitos, desde seu caráter mágico e narrativo até sua forma e estilo.

Sendo assim, a literatura de cordel mostra-se, além de adequada aos novos suportes, resgatada para novas perspectivas e novas leituras, provocando o maior gosto pelos folhetos e pelas histórias narradas. Esta motivação é de extrema importância, principalmente numa época em que a cultura escrita muito valorizada e, sobretudo, exigida pelos diversos meios sociais. Tendo a escola a função de formar o cidadão, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento da Língua Portuguesa, que está e estará presente em todos os momentos da vida dentro da sociedade brasileira, sejam eles na fala ou na escrita, a intertextualidade é fundamental no processo de conhecimento de gêneros, que devem ser compreendidos como realidades do cotidiano.

### **Referências**

*Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2017. p. 134-180.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

CONCEIÇÃO, Cláudia Zilmar. *O local do cordel na escola*. Disponível em: [http://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2017/06/CONCEI%C3%87%C3%83OC.Z.S.\\_O-LOCAL-DO-CORDEL-NA-ESCOLA.pdf](http://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2017/06/CONCEI%C3%87%C3%83OC.Z.S._O-LOCAL-DO-CORDEL-NA-ESCOLA.pdf) . Acesso em: 12 de agosto de 2018.

CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. *A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura*. Erechim, RS: Edelbra, 2009.

*Linguagem oral e linguagem escrita na Educação Infantil: práticas e interações*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1. ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

LOPES, Ribamar (org.). Introdução. In.:\_\_\_\_\_. *Literatura de Cordel: Antologia*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982. 1. ed. p. 1-47.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

ZUMTHOR, Paul; FERREIRA, Jerusa Pires. (trad.). *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.